

Leão

(1997/2007)

(. . .)

É da ordem do Ser a Sensação
Do
Leon
E Sim e Certo Só me aproximo
Do
Seu Som
Para dizer Ser fim enfim Só Ser Ser

Do Seu Ser Sempre

Guilherme Zarvos

E do meio da selva mais escura onde meu coração flechado sentia-se num charco um grito de um gato selvagem era mais do que isto o poder do felino maior no devaneio de esperma com sua presa e o escuro da sombra negro e negro turvava o bosque e a lua já não dava abrigo e o ensurdecido urro e a exclamação do cio me paralisavam e só ele podia aplacar meu medo pois nada era verdade: só o som do Leon.

O som de uma manhã bonita se comum deixou de ser Notre Dame e o órgão. E uma tarde cinza não era comum Bach na longínqua Oxford na desnuda capela. E deitado nos tapetes de Varanasi ou em casa olhando Woodstock e Ravi Shankar e o vento e o céu e o mar e mesmo a terra roxa cada um com seu som que só me permito quando o barulho do meu choro ou o entusiasmo do caos não tornam tudo tão igual já que completamente intercambiáveis.

Vem manhã bonita de homens e mulheres que fizeram cantando um país
Esquece a dor dos soldados morrendo não os que morreram com honra e sem pavor
Os que se foram deixando suas casas famílias burguesas e uma vitrola escurecendo
Pensa no dedilhar e nas palmas das mãos do sul da Espanha ou do Marrocos
Nos rituais do Tibet de Buda se fundindo com o canto de Benin
Lê em minhas linhas que já dancei no rock pulei carnaval e maracatu
E cada um dos acordes fortaleceram meus ouvidos rudes

Admirei Manoel concentrado no ônibus descansando das provas de economia
Lendo ouvindo a partitura. Luciana cantando cada vez mais perfeito pretendendo
Curar a menina com doença terminal. Carlos ao sabor de Mário subindo favela
Sabendo que o caminho de ensinar e de dividir faz a igualdade tocar
E o elefante no palco na ópera e o papagaio da sorte e minha mãe a me ninar
Vai Hermes foi-te dado o nome e não ache que só o queriam guilhotinado
No final a mensagem era de união mesmo que seu pescoço tombasse
O anjo negro de asas douradas e olhos verdes apenas sorria para o descaminho

Leon. Quando beijei-lhe os pés e ia subindo pela perna e você estancou minha
Cabeça com doçura e sem susto me estarreceu" não serei mais músico"voltei
Para casa e olhei a flanela do piano já sabia que a história era para mim mesmo
Mais importante do que seu som abandonado. Nunca mais levei um instrumento
Tão a sério. E a melopéia deu-me esperança que todos os dias retornaríamos
No seu silêncio de monge nos sinos de um cavalgante nas magias da palavra
No papel salvador do mundo de barcos de banheira e livros como portos
Deixei que os sons dos instrumentos musicais se afastassem que a
Paixão se fosse e calado entrei para a caverna dos surdos e das teias

Hoje mudou. Mudei. Começo no meio de hora sem ordem a retornar aos discos vinis
As décadas se misturam e já posso ouvir música sozinho mesmo que ainda não quando
Escrevo. Tenho um espaço novo ajeitando meu corpo e o silêncio som já não é minha
Sina. Desembrulhei-me de seu som amor mudei de cidade e de classe social. Não vivo
Num barril nem correndo com a flauta na boca de dentes podres. O rugido da mata
E seu grito de desejo o mais profundo da mata escura estão sendo passados para meus
Três filhos. Um deles a maior pianista virtuosa. Descobrir enfim ser só ser é nunca ser só
Seu e quando necessitar o objeto livro e o silêncio da cama ou da árvore tombada que me Dará
pouso e renegar a possibilidade do encontro duradouro do apolíneo e do dionisíaco
Mesmo assim urrarei a cada êxtase que aprendi com seu som e com as canetas de algum

GRANDE MESTRE

Obs – Esta composição foi escrita no ano que vem.